

Director, editor e proprietário  
**António Dias Pinto de Castro**  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4315

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4381  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

## Vida Municipal

### Uma nova e grande artéria

II

Após o advento de 1956 alguns melhoramentos cidadãos abrirão caminho.

Um destes melhoramentos de grande projecção urbanística, será a Avenida — uma artéria que irrompe dos terrenos fundeiros do Campo da Feira, trepa até ao Largo 28 de Maio, cinge-se ao sul do Tournal, e vai arrematar a S. Lázaro.

Parece já um dia haver sido delineada esta artéria por um engenheiro urbanista. Fala-se agora num arquitecto para a traçar em definitivo.

Esta obra, por si, pode dar crédito, às qualidades administrativas duma Vereação. Ela abrirá novas perspectivas ao alargamento da cidade. Facultará terrenos para construções habitacionais.

Na realidade esta obra urbanística já começou. Os aborços para ajustes de expropriações, andam a fazer-se.

Alguns prédios no Tournal serão abatidos para darem lugar à construção de um grande edifício. Se preferíssemos o óptimo ao bom, esse grande edifício melhor fóra que se destinasse para... Câmara Municipal.

A supremacia de «coração da cidade», que o local reivindica, devia estar na posição de merecer o título nobre de *Forum Municipal*.

Correndo, porém, a lotaria da sorte, calhou à Caixa Geral dos Depósitos a ventura de ali poder erguer a sua filial — que será um edifício à altura do lugar.

A Vereação que proporcionou à casa bancária um tão feliz resultado, merece o seu reconhecimento.

Os negociadores da Caixa foram felizes. A Vereação prestou-lhes um notável serviço, cooperando no desiderato dos seus antigos desejos.

Vão as obras iniciar-se. Cremos que elas serão incrementadas, a prazo fixo.

Ficará mais uniforme e mais enriquecida a fisionomia do Tournal?

Como nem sequer consultei a tela dos desenhos da planta baixa da obra em referência, limito-me a confiar.

A muito nobre, antiga e tradicionalíssima Praça do Tournal vai acolher no seu âmbito mais uma casa bancária. Deste modo ganhará o Tournal a característica de empório da Finança.

O sr. architecto Peres Fernandes, no dizer das gazetas, vem trabalhar nestes melhoramentos cidadãos, superlamente «recomendado» pela Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.

Este facto, por si, deixa-nos antever uma cooperação útil. Se for assim, que esta se positivie.

Podemos doutrinistas do municipalismo, considerando o caso, queixarem-se de mais um sinal da intervenção sistemática e premente do Estado na vida dos municípios.

Como efeito, os concelhos já de há muito que vêm perdendo terreno na sua independência administrativa. A própria circunstância de a nomeação e demissão das presidências dos municípios terem de passar pelo crivo do Ministério do Interior, dão-nos testemunho de que a vontade dos povos concelhos vale pouco, hoje em dia.

Tudo, afinal, se encontra tutelado. O abastardamento da vontade popular é uma das resultantes do centralismo.

Que sempre a intervenção tutelar seja um mal? Nem sempre.

Há exemplos antigos na vida local que nos podem servir de lição. Nesses podemos buscar conforto. Justificação aos factos presentes.

Recuemos ao último quartelão do século XVIII.

O terramoto de Lisboa fez-se sentir na muralha que se erguia no Tournal, nomeadamente na torre da *Porta da Vila*. De onde havia de resultar a iniciativa de fazer substituir a muralha por moradias.

Então, nessa época, cada um erguia a casa sem preocupações de licenças camarárias. Havendo-se, porém, implantado na capital um novo advento, para ressuscitar das ruínas a nova Lisboa pombalina, desdobrou-se até à Vila de Guimarães a inspecção urbanística que actuava na Capital.

Desta inspecção central dimanou então a planta topográfica e respectivo casario do Tournal. As considerações oficiais que acompanharam a planta, deixam-nos

ver: que foi então criada para efeito em todo o país uma inspecção central de urbanização.

Mercê desta intervenção central extraordinária nasceu o levantamento monumental dessa extensa e altaneira linha de casas que formam a face nascente do Tournal.

Teria passado esta intervenção do Estado sem nenhuma espécie de remoque por parte dos édis do século XVIII?

Não conheço nenhuma reacção provinda do lado da governança local. Há, todavia, sinais claros de discordâncias manifestadas pelos mercadores que haviam mandado levantar as referidas casas.

Teriam sido razoáveis, sensatas, as discordâncias dos proprietários do século XVIII?

Não. Se a inspecção central houvesse feito a vontade aos mercadores vimezanenses a linha recatilhada dessas casas seria quebrada. A sua arquitectura não seria uniforme, sumptuosa.

Há, pois, que bendizer a intervenção do poder central nessa época distante. Impondo ao dispaupério, à incultura, à casmurrice indígena dos nossos naturais uma tutela benéfica e oportuna, serviu a monumentalidade desse casario. Lucrou Guimarães.

Hoje, são outros os tempos? Ainda assim, não se verifica que os municípios sejam governados sem o perigo de cometerem pecados urbanísticos. Demais: Terras de feição arquitectónica medieval, de cunho histórico, de carácter nacionalista, precisam de ser olhadas superiormente com carinho proteccionista — a bem do património e da arte nacional.

A Direcção Geral dos Serviços de Urbanização tem muito que fazer entre nós, neste sentido.

Queira o Estado velar por esta nobre cidade — a primeira capital do reino — pois quanto mais se fará a bem da cultura nacional.

No próprio casario há, aqui e ali, pormenores arquitectónicos dignos de serem defendidos. A expressão antiga que ainda conservam certas casas, é a que atrai o turista. O resto, não lhe interessa.

Defendamos, pois, o ar vetusto da nossa terra!

A. L. DE CARVALHO.

## MILHOS HÍBRIDOS

Uma vez que na cultura do milho o principal objectivo é a produção elevada de grão, foi sempre ambição do técnico a criação de variedades em que este carácter se manifestasse geneticamente, desde que, com um cultivo esmerado, se permitisse a revelação dele.

Recorrendo às possibilidades oferecidas no campo do melhoramento, assim foram surgindo variedades seleccionadas e, mais modernamente, os *milhos híbridos*, assim chamados por resultarem do cruzamento de 4 linhas puras. Esta condição de híbrido, manifesta-se precisamente por uma elevada produção na 1.ª geração, que no entanto decresce, numa regressão para a linha pura, se continuar a ser utilizado para semente, razão por que esta deve ser renovada todos os anos.

Como esses milhos foram lançados no mercado há uns anos, não queremos deixar de fazer-lhes algumas considerações.

E o primeiro facto que devemos frisar, é que eles foram seleccionados para condições diferentes das nossas, pelo que, muitas vezes, são mínimas as produções, indicativo da sua má adaptação.

Parece-nos mesmo que se os milhos híbridos não gozam de maior expansão entre nós, isso resulta de se terem lançado no mercado sem o estudo criterioso da sua adaptação, do que resultaram fracassos iniciais, que vieram entravar a sua generalização.

Hoje, porém, graças ao grande número de variedades existentes no mercado, pode escolher-se aquela que melhor se adapte ao nosso caso. Os numerosos campos experimentais semeados sob a orientação do Grémio da Lavoura, são um precioso auxiliar, para a escolha da variedade a empregar.

Escolhida esta, não devemos esquecer que estamos em presença de plantas seleccionadas, sem a

rusticidade das regionais, e muito mais exigentes que estas. Os princípios que enunciamos são, portanto, mais ainda de considerar neste caso, principalmente as fertilizações. Para terrenos de regadio de primeira qualidade, quer-nos parecer não ser excessiva a seguinte fórmula (por hectare):

Estrume . . . . .	25 tonel.ª
Cianimida cálcica . . . . .	250 quilos
Superfosfato . . . . .	500 quilos
Sulfato de potássio . . . . .	100 quilos

e, em cobertura, na altura da sacha, caso se mostre necessário, uns 150 quilos de nitrato de sódio. Devido ao seu grande desenvolvimento vegetativo, as plantas devem ficar com espaço suficiente, pelo que aconselhamos linhas distanciadas de 70 cm., e debastes, feitos a tempo, que garantam nestas uma distância de 25 a 30 cm. de planta a planta. Mesmo, dado o elevado preço da semente, nunca se gastarão os 50 e mais quilos que é uso nas variedades regionais, mas apenas 30 por hectare.

As regas merecem todo o cuidado por parte do lavrador. Os milhos híbridos necessitam de elevadas quantidades de água, dada a sua grande expansão foliar, embora o seu sistema radicular, mais forte que o das variedades regionais, lhes permita aproveitá-la melhor. Não regar demasiado, nem lhe faltar com água sempre que as plantas dela mostrem necessidade.

Para findar, um reparo ainda: os milhos híbridos capazes das elevadas produções de seis mil e mais quilos por hectare, são em geral de ciclo vegetativo longo (150 dias), pelo que só podem utilizar-se desde que a sua sementeira se faça em princípios de Maio. Semeados mais tarde, corre-se o risco de uma deficiente maturação.

J. C.

## F R I O

*Há quem morra de frio! Inda se apaga  
Nos tugúrios sem lume muita gente!  
Não se fechou, Jesus, a aberta chaga  
Dos que vivem p'ra si avaramente...*

*Há quem morra de frio, de essa adaga  
Que se afunda nos pobres cruelmente!...  
O egoísmo é cego, impera, esmaga,  
É feito de granito e nada sente...*

*Sacode o sono enorme, Humanidade,  
Pega na branca mão da Caridade  
E sem um passo atrás, sem um desvio,*

*Mostra-lhe ao Coração, com falas mansas,  
Os pezinhos descalços das crianças  
E velhos sem camisa neste frio.*

Janeiro de 1956.

DELFINO DE GUIMARAES.

## UM PROBLEMA EDUCATIVO

Pelo Prof. J. Martins Lima

A aprendizagem, a preparação, o ensino da Língua-Materna é, nas nossas escolas, infelizmente, inconsistente, defeituoso e mecanizado.

A criança não sabe, por via de regra, redigir, mas em contrapartida conhece, pagapagueia todo um emmaranhado da nomenclatura técnica, num lamentável esforço de memória, fixando, retendo, decorando as regras gramaticais, as respectivas definições, como se isto fosse o necessário.

Se a gramática se aprende só através da língua, como disse Herder, *de nada vale repetir fórmulas mecanizadas* que só têm servido para encher os cérebros infantis, sem lhes promover a necessária formação.

A redacção oral, iniciada

desde os primeiros anos da escolaridade, vem corrigir todos os defeitos da linguagem infantil. A criança, ouvindo contar histórias — e repetindo-as depois com relativa exactidão — enriquece o seu pequenino vocabulário com novas palavras, frases, locuções, expressões dialogais, em suma. Já dissera Anatole France que o mínimo livrinho susceptível de inspirar uma ideia poética, de sugerir um bom sentimento, de agitar uma alma, vale infinitamente mais, para a criança e para a juventude, do que todos os alfarrábios empanturrados de noções mecânicas. Assim aprende sem esforço, quase a brincar, *preguiçando*, como afirmou Gonçalves Viana.

A prova de redacção escrita não era sequer eliminatória, segundo o diploma legislativo que regulamentava os exames do 2.º grau (Decreto n.º 18.413, de 2-6-930), sendo-o, em contrapartida, a de desenho. Muito recentemente, novas directrizes já foram dadas no sentido de ocupar a redacção o lugar que lhe compete, como factor relevante de formação que à *Escola incumbem*.

Para se redigir com a facilidade, elegância e correcção indispensáveis, é necessário ler e escrever muito, diariamente.

*A única coisa agradável na vida é escrever*, afirmou Eça de Queiroz. *Bem ou mal, observara Flaubert, é uma coisa deliciosa o redigir, sair*

Continua na 2.ª página.

## CASO RESOLVIDO

A Câmara Municipal, após importantes diligências, resolveu, amiavelmente, o litígio pendente com o proprietário da Casa do Proposto, sr. dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses (Paço Nespereira) e relativo à expropriação de terrenos para o Estádio Municipal.

Chegou-se, igualmente, a acordo, quanto à aquisição de uma grande porção de terreno para efeito da construção da projectada Central de Camionagem e ruas de acesso, solucionando-se, por este modo, um assunto que vinha sendo debatido de há tempos.

A Câmara Municipal e de um modo especial o seu ilustre Presidente, puseram na resolução deste caso todo o seu interesse e boa vontade, procurando servir os superiores interesses de Guimarães. Agradamos-lhes tal esforço, assim como a boa colaboração encontrada da parte do dono dos terrenos agora adquiridos.

J. C.

## PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

### «Dá-me licença, Patrão?»

O patrão, naquela quarta-feira, estava de má catadura.

Pegava com todos e com tudo. Nada lhe agradava. E a vítima principal do seu mau humor, foi o Bezerra.

Operário humilde e respeitador, tinha uma mulher encantadora, que já lhe dera sete filhos, nos quais o Bezerra se remirava vaidoso e feliz.

— Os filhos são bênçãos de Deus

**GAZETILHA**

### O Porto não é para graças...

*O futebol, quem diria,  
Não pode ser discutido  
Sem douta sabedoria...*

*E qualquer resolução  
Nunca se perde no olvido  
Se é grave e causa reacção.*

*O leitor acompanhou  
Ou pelo menos que leu  
O caso que levantou  
Um temeroso escarceu...*

*Um desafio adiado  
— Desafio com cartas —  
Pós o Porto revoltado  
Pois tal coisa não se faz.*

*Julgou-se a Federação  
Que não perde a compostura,  
Intransigente na acção  
E desta forma bem dura...*

*Ao lado dos desportistas  
Nos protestos veementes,  
Surgiram vários juristas  
Com argumentos candentes...*

*Como a coisa era de mais  
Houve fundos nos jornais.*

*A bola é hoje um assunto  
De in'resse fenomenal  
Que dá cabo do bestunto  
E domina Portugal.*

*O recurso teve agora  
Um sensato provimento  
E que velo em boa hora  
Dar ao Porto algo de alento...*

*Eu estava a ver que a glória  
Dum movimento altaneiro  
Ja ofuscar-se na História  
P'ra ficar outra memória*

*Dum trinta e um... de Janeiro.*

C. T.

## O 8.º Aniversário de Rotary Clube

O Rotary Clube de Guimarães festejou na 3.ª-feira, dia 17, numa reunião extraordinária em que também estiveram representados os clubes de Braga e Amarante e que decorreu com muito entusiasmo, o 8.º aniversário da sua fundação, tendo presidido à sessão o sr. Dr. Alvaro Marinho, que estava ladeado pelos srs. António Gonçalves Gonzalez e Dr. Correia Marques, Vice-presidentes dos Clubes de Braga e Amarante, Dr. Rocha Peixoto, Dr. Avelino Silva, Dr. João Afonso de Almeida, Dr. João Mota Prego de Faria e Dr. António de Oliveira Braga.

Secretariou o sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, que fez a leitura do expediente de que constavam cartas de alguns rotários vimezanenses que, por motivo de doença, não puderam comparecer e telegramas e cartões de saudação dos Clubes do Porto e Matosinhos e do sr. Dr. Júlio Naya, de Amarante.

Após a saudação à Bandeira Nacional o Presidente, abrindo a sessão, referiu-se ao seu significado e saudou todos os presentes, de um modo especial os clubes visitantes, os convidados e a imprensa para a qual teve palavras de reconhecimento.

Apresentou uma «actualidade» o sr. José Machado Teixeira e falou seguidamente os delegados dos clubes de Braga e Porto.

Depois usou da palavra o past-presidente sr. Dr. João Mota Prego de Faria, que proferiu a palestra habitual, sobre o 8.º Aniversário do Clube, referindo-se aos esforços e cansaças que se têm dispensado e fazendo considerações oportunas sobre o movimento rotário, por cujas prosperidades terminou formulando ardentes votos.

Procedeu-se ainda à quete habitual, após o que o presidente declarou encerrada a sessão.

e Deus é Pai — dizia com fé. Ligada à família, havia uma velha aleijadinha, a senhora Engrácia, avó dos filhos do Bezerra que seu filho era por sua vez. Ali estava o seu pequenino mundo. Era o seu lar, a sua família, o motivo do seu esforço, o segredo do seu estímulo no trabalho e o centro das suas preocupações.

— Que ao menos haja caldo e pão... afirmava sincero. Era modesto o seu ordenado, mas parecia que Deus lho abençoava.

Os seus filhos tinham uma mãe briosa, que os trazia sempre lavadinhos e o marido encontrava no seu coração a paz e a alegria, iguais ao asseio e limpeza do seu lar.

Mas era duma vez uma quarta-feira e nesse dia o patrão estava de má catadura.

— Vá chamar o Bezerra... disse, em tom agressivo, ao contínuo. E o pobre João Chagas — assim este era chamado — perguntava a si mesmo o que lhe queria o patrão.

O Bezerra veio, respeitador como sempre e ao entrar no escritório, disse:

— Dá-me licença, patrão? — Entra. Mandei-te chamar para te dizer que, de futuro, dispense os teus serviços na minha fábrica. Mas não te assustes. Atraz de ti, outros irão também.

— Mas... patrão... balbuciou o Bezerra, surpreendido.

— Não discutas as minhas ordens...

— Patrão... eu não discuto ordens, queria apenas chamar a atenção...

— Para quê? — E' que, patrão, eu... os meus filhos... minha mulher... e uma aleijadinha que tenho lá em casa — que é minha mãe — ficamos sem pão...

— A isto... respondeu seco o impudérico patrão: A luta pela vida exige mais economia e mais rendimento... Comprei novas máquinas — moderníssimas — que dispensam a maior parte dos operários. E eis tudo!

— Mas, patrão... que vai ser desses operários, das suas mulheres e dos seus filhos?

— Não me interessam.

— Sim, patrão — os nossos filhos não lhe interessam... nem os operários... Só lhe interessam as máquinas.

E desalentado, sucumbido, retirou-se a chorar...

E naquela quarta-feira aziaga e sinistra — caiu a desolação e a

## Ainda o Aniversário do «Notícias»

No decorrer da semana finda continuámos a receber numerosos cartões de felicitações, a propósito do 24.º aniversário do nosso jornal, de pessoas amigas e de instituições, desta cidade e de fora, tendo-se também continuado a referir ao acontecimento diversos nossos colegas.

A todos aqui deixamos o nosso agradecimento.

## SOCIEDADE DE CONCERTOS «MOREIRA DE SÁ»

Por lapso foi noticiado no nosso último n.º que o concerto a realizar pelo célebre violoncellista *Henri Honneger* se efectuava no dia 14 do próximo mês de Fevereiro, quando afinal o mesmo tinha sido adiado, efectivamente, mas para o dia 1 do mesmo mês.

Segundo nos informa a Direcção desta Instituição de Cultura Musical, o adiamento foi motivado pelo facto de aquele grande Artista ter de efectuar um concerto em Espanha antes da vinda a Portugal.

O acompanhamento ao piano será feito pelo Director da Orquestra Clássica de Madrid, professor José M. Franc.

Será, sem dúvida, uma verdadeira noite de Arte para os bons apreciadores de Música, merecendo parabéns a Direcção da Sociedade de Concertos por mais esta arrojada iniciativa.

# EM S. PAULO

## Um grande gesto moral dum Jornalista e Escritor

S. Paulo, 8 de Janeiro (por via aérea)

O dr. Júlio de Mesquita, Filho, jornalista e escritor, director do grande e influente jornal «Estado de S. Paulo», que é um dos mais poderosos órgãos da opinião pública no Brasil e na América do Sul, e cuja obra cultural é das mais notáveis que podem brasonar a vida e actuação dum periódico, acaba de ter um gesto que impressionou todo o Brasil e que, pela grandeza e firmeza de carácter que demonstra, merece ser assinalado.

O autor dos *Ensaio sul-americanos* que é, desde 1934, doutor *honoris causa* da Universidade de S. Paulo, escreveu ao Magnífico Reitor desta, a seguinte e notável carta em que a função moral e social da Universidade é posta em relevo pelas obrigações civicas dos que constituem, embora honorariamente, os seus cargos docentes: «Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

Como membro, que tivemos a honra de ser, da comissão encarregada da elaboração do projecto de que resultou a criação da Universidade de São Paulo, acompanhámos sempre com a maior solicitude seu desenvolvimento. É nossa convicção que a Universidade representou a mais bela e a mais significativa obra levantada neste Estado, nesta fase de sua elevação política, cultural, económica

e social. Pode, pois, por aí avaliar V. Ex.ª a nossa satisfação sempre que nos foi dado verificar que ela vinha correspondendo ao que dela esperavam os seus fundadores.

Nestes últimos tempos, porém, tem-se observado que o espírito que presidiu à sua fundação deixara de merecer o respeito que lhe deveriam ter justamente aqueles a quem se conferiu a missão de preservá-lo. Seria longo enumerar os factos que comprovam esta nossa afirmação. Entre estes, como V. Ex.ª não desconhece, salienta-se, entretanto, a maneira pela qual se vem ultimamente abastardando a concessão de laúreas a indivíduos que tanto pelos serviços prestados à Universidade, quanto pela sua vida cívica não se mostraram de modo nenhum à altura de tão alta distinção. A extrema facilidade com que vêm sendo agraciados com o título de doutor *honoris causa* indivíduos cuja vida política se resume numa desabalada corrida às posições de mando e que se dispuseram a participar de golpes contra as instituições democráticas e que, pelo facto de terem pertencido aos corpos docente e discente da Faculdade de Direito da Universidade, tinham o dever de defender, mostra bem a que ponto de indiferença chegou, para os que ocupam as posições na direcção do mais alto instituto de cultura do Estado, o papel que a este deve caber na formação do carácter da nossa juventude.

Outro facto com que não podemos de modo nenhum concordar, é que, desvirtuando a essência do espírito universitário, que é exactamente a modestia e o recato dos que têm a honra de pertencer aos seus quadros docentes, o corpo de professores se transforme, como vem acontecendo, num órgão de elogios mútuos, a distribuir títulos honoríficos aos seus próprios colegas.

Tudo isso, Magnífico Reitor, vem demonstrar que a Universidade criada exactamente para desempenhar as funções de molde de caracteres e para imprimir no espírito dos moços a ideia de repúdio a tudo quanto não seja rigorosamente moral, se deixou desgraçadamente contaminar pela onda de desagregação e desamor a tudo quanto dantes fazia a beleza da existência, para conformar-se com o movimento assustador de nivelamento por baixo em que vai cada vez mais chafurdando o país.

Nestas condições, Magnífico Reitor, e obedecendo a um imperativo da nossa consciência, é com o maior pesar que nos vemos na indeclinável obrigação de devolver a V. Ex.ª o título de doutor «honoris causa» pela Universidade de São Paulo, que tivemos a honra de receber, em 1934, das mãos do nosso inolvidável mestre e amigo, dr. Reynaldo Porchat.

Com a mais alta estima e distinta consideração etc....»

## Lactário Municipal

Também se deu a consoada a 40 crianças subsidiadas pelo Lactário Municipal, obra fundada pelo seu desvelado médico, sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que a esta obra tem dedicado o melhor dos seus esforços.

Fez a entrega de envelopes a devotada enfermeira senhora D. Maria Carolina Catela Ferreira Guedes do Amaral, e associaram-se a este generoso acto as senhoras D. Camélia Marques Rodrigues e D. Custódia S. Pereira dos Santos e os srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, José Jacinto Júnior, Manuel Soares Moreira Guimarães, José Gonçalves, Herculano Queiroz Dias de Castro, António Sequeira, Francisco Laranjeiro dos Reis, Camilo Laranjeiro dos Reis, Abreu Lopes & C.ª, Freitas, Mendes, Fernandes & C.ª e J. L.

morte naquela lar pobre mas feliz...

Máquinas! Máquinas! Máquinas!

É lícito, perante o angustiante problema que as máquinas suscitam no mundo do trabalho, formular a mesma pergunta que o Senhor Ministro das Corporações fez no seu desassombroso discurso de 15 do corrente, na Curia: «Será escandaloso proclamar que o conceito de produtividade não é de natureza exclusivamente técnica, mas também e especialmente de ordem humana, e que a ciência económica não pode esquecer, até para que o trabalhador produza muito e bem, que ele tem de ser tratado como homem, portador de necessidades pessoais e familiares e detentor dos mais altos valores espirituais?»

Estas palavras podemos interpretar-las assim: Tem a máquina direitos superiores ao homem... a tal ponto que é necessário que este morra e só ela sobreviva?

Noutros termos: É a máquina, em si mesma, portadora de necessidades pessoais e familiares? Não. E no entanto, ela reina soberana, enquanto que o homem é despeitado, porque ela ocupa o seu lugar.

Que tremendos problemas a máquina está criando no mundo — sobrepunção como evidentes e antagonicos — a fome e a superabundância simultâneas.

— Sim... A máquina produz... Mas quem há-de absorver o seu produto?

O excesso de produção, esbarrando com o diminutissimo poder de compra, da parte do povo, há-de trazer, indubitavelmente, uma crise e as piores vítimas serão aqueles que nelas e só nelas concentraram o seu pensamento, sem «acautelar os interesses dos humildes».

Que será do mundo quando forem preenchidos «os angustiados espaços vazios do coração dos homens que não conhecem a caridade nem o temor de Deus?» (as palavras entre aspas são do Senhor Ministro).

Bem dignas de profunda meditação são elas.

Meditem os que têm que perder... E concluimos, por hoje, com mais uma frase do Senhor Dr. Veiga de Macedo: «A causa dos humildes, é causa sagrada, é causa de Deus». Mas quem pensa nisso?

Dizia o operário: «Mas, patrão... que val ser desses operários... das suas mulheres e dos seus filhos?» — Não me interessam...

Triste sinal dos tempos...

## FOGUETES E MAIS FOGUETES!

Já por várias vezes aqui temos protestado contra o lançamento de foguetes, a pretexto de tudo e de nada e a qualquer hora da noite.

Apesar de tudo, e volta e meia, lá vão para o ar, à meia noite, às duas ou às três horas, mais meia dúzia de morteiros, a anunciar o aniversário de um grupo qualquer, ou um mero acontecimento de Bairro.

E a cidade, que descansa pacatamente, é alarmada com o estrondo das bombas dos foguetes, a horas impróprias.

Isto não pode continuar assim. Isto não deve continuar assim.

E estamos certos que não continuará, porque as dignas Autoridades há-de tomar as necessárias e energicas providências.

E que assim vai ser, prova-o o facto de o sr. Presidente da Câmara, segundo a informação que amavelmente deu à Imprensa, ter tomado imediatas providências para que termine, e de vez, tamanho abuso.

Tendo sido ordenado um imediato inquérito, conseguiu averiguar-se de onde partiu o alarme a que acima nos referimos, e que se verificou na noite de 14 para 15. O autor vai ser punido, para exemplo.

Só loupeiros merecem o ilustre Presidente do Município, assim como os dignos Comandantes da G. N. R. e da P. S. P., que colaboraram nas medidas tomadas.

## Grupo Musical «Ritmo Louco»

Até ao dia 25 do corrente encontra-se aberta a inscrição, na sede deste Grupo Musical, à Rua de Santo António, 117, para o torneio de preparação inter-sócios, que visa à formação da equipa que há-de representar este Grupo no próximo Campeonato Concelhio.

## Crónicas para maiores de 50 anos

XIX

Antigamente só os de muitos cabedais é que podiam praticar o desporto, que era um entretenimento e nunca foi um modo de vida.

E nem os que admiravam e se interessavam por esses exercicios físicos, sem os poderem praticar, se julgavam, só por esse motivo, o que actualmente se chama — desportistas.

Para o ser era necessário praticá-lo e isso, além de precisar de meios, também ocupava tempo que era precioso para tratar da vida, que ainda se não ganhava com esse rótulo.

Havia porém um desporto ao alcance de todos e que a grande maioria praticava, uns por obrigação, outros por prazer — que era o dos passeios a pé.

Viam-se por essas estradas, em dias de feira e romaria, bandos de lavradores e proprietários, senhores e cavalheiros, fazendo «á pata» largos quilómetros, alguns até por caminhos que agora desdenham, mesmo em reduzido percurso.

Só as grandes casas é que tinham carruagem, como os Nespereiras, Margarides, Lindosos, Pombeiro, Azenhas e poucos mais, e as restantes carruagens de cavalos eram alugadas ao Cosme e Caroto, dos que me recordo, e só em caso de necessidade se serviam delas.

No resto andavam a pé, e mesmo os Lindosos, conde de Margaride, barão de Pombeiro e tantos outros, vinham até ao Toural, ou iam à Estação, como qualquer outro cidadão, parando no caminho a dar dois dedos de cavaco ao «Entende», ao Henrique funileiro, ao «Canário» e a outros velhos conhecimentos, um bocadinho com a Cunha da rua de Santo António, na botica do Rodrigo Dias, na ourivesaria do Fernandes ou no Esporeiro a caminho da Estação.

Às tardes fazia-se a volta das «Avenidas», a velha e a nova, ia-se até ao Cano e, aos domingos, fora do período da música no Jardim, até à Cruz da Argola, S. Pedro de Azurém, Caneiros e «Vaca Negra», e isto acompanhado de toda a família, os meninos à frente a correr para aqui e acolá, e os «velhotes» atrás, mais compassadamente, no tempo em que as estradas estavam desimpedidas e não constituíam um perigo e preocupação para quem queria passear.

Era este um desporto que todos praticavam, e esse sim, era o verdadeiramente, porque todos os executavam com prazer e por necessidade.

Mas o primeiro desporto foi o da equitação a que só os filhos das grandes casas podiam concorrer, um ou outro particular e certos proprietários das redondezas, por necessidade da sua vida.

Era no tempo dos entendedores de cavalos, dos apreciadores de «um bom calção», de bota alta justa à perna, salto de prateleira e esporas de prata tilintantes, chapéu à Mazantini, de que só resta o meu velho amigo Almerio Ferra, que até se lhe arregalou os olhos ao ver uma «faca» (sem chiste para o seu comércio) toda concentrada no jogo das mãos, a ladear, a curvetear, aos galões, a «piñar».

O cavaleiro de perna esticada, calcanhar caído, ponta do pé no estribo, colado, ou como atarrachado ao selim, sem se deslocar um milímetro, sem «bater sola», rédeas na mão esquerda, vergasta na direita, fazendo corpo como um centauro com o pobre animal, à Marialva, dava-lhe as indicações com um leve aperto de joelho, um toque de esporas e, sobretudo, o jogo subtil das rédeas e o leve encosto da vergasta, numa tal harmonia de movimentos, que era um prazer o de ver passar um destes cavaleiros a obrigar o inteligente animal a conduzir-se como que a passos mesurados e bailados, no estrépito compassado das ferraduras na calçada e lhe levava meia hora a atravessar o Toural!

Esse foi o período da cavalaria em que sobressaíram os Lindosos, Nespereiras e Alberto Margaride, e cujo último representante foi o sr. Francisco Costa.

Apareceram as «charrettes e tonneaux», carruagens de duas rodas, atreladas a um cavalo, leves e de prazer, a passarem a trote largo por essas ruas e guiadas pelos seus donos.

Uma «vitória» toda reluzente de vernizes, com uma boa parelha de cavalos de raça, conduzidos por uma das melhores «mãos de rédea», ao atravessar o Toural no trote solene e compassado, dava mais ar elegante e educado, do que essas espampanantes tartarugas, baixas e acaçapadas, em que as creaturas se vêm através de vidraças como num aquário, encafuadas e quase deitadas, sem aquele porte destacado e distinto de quem se sabe sentar; agora só se olha para a fortuna que ali vai, empregada em niquelados e cromados e coisas rebrilhantes, sem ao menos se reparar em quem passa, porque nem há tempo para isso.

Depois começaram a aparecer os bicílicos, um dos quais era do Abel Acácio da Silva Sequeira e de que já não há memória, nem

mesmo desse excelente e alegre rapaz e companheiro.

Era um aparelho de, como diz o nome, duas rodas, das quais uma, a da frente, de metro e meio de diâmetro, e a da retaguarda de uns trinta centímetros.

Os pedais no eixo da roda grande moviam-na directamente e estava ligada a um guidão e a uma haste curva, sobre a qual o selim sustentava o ciclista e seguia até à roda traseira, muitíssimo mais pequena; as rodas de raios de arame eram revestidas no aro de uma tira encaixada de borracha massiça.

Para mover este aparelho, já de si não muito fácil de montar, eram necessários uns músculos de atleta e equilíbrio de saltimbanco, e nestes bicílicos é que desejava ver os «gigantes da estrada» a dar a Volta a Portugal...

Este bicícolo era uma relíquia do passado, já naquele tempo, mas o Abel Acácio, com aquele seu espírito folgasão, aparecia com ele algumas vezes no Toural.

Mas outros bicílicos, do aspecto dos actuais e que depois se chamaram bicíquetas — transformaram-se no que hoje são, sem modificações notáveis, a não ser a de terem primitivamente as rodas revestidas de borracha massiça e depois a serem pneumáticas.

Pouca gente porém as possuía e só me lembro do tenente Castro, de Sairrão, ter uma e creio que o sr. Pinto a quem, pelo convívio com os ingleses que aí estiveram a montar a central termo-eléctrica do Jordão, por trás da igreja do Campo da Feira, chamavam — Mister Pinto — e que, certamente, não se zangará por lembrar este inofensivo e nada depreciativo apodo.

Nesse tempo a petizada, nós todos os daquele tempo, com duas varas, a maior para montar e servir de cavalo e a mais pequena de espada, fazíamos exercicios de cavalaria, trotando e ladeando tal como centauros em miniatura.

E até se juntavam dois e três pequenos, que davam os braços e os das extremidades com as pontas de um cordel atadas nos braços e um terceiro, de pingalim, feito de uma vara e cordel, guiava, jogando aos cavalos e carros.

Destes desportos só ficou o bicícolo ou, para não haver confusões, a bicíqueta, que passou a ser um meio de transporte tão vulgar que em qualquer ajuntamento aparecem tantas que logo se arma um parque com vigias e taxas de estacionamento.

Depois apareceram os motores de explosão interna de que resultaram os transportes motorizados, e de tal forma invadiram a vida moderna que o cavalo foi posto de parte e só de longe a longe há uns concursos hípicas para os apaixonados que ainda restam, mas que vão desaparecendo aos poucos e poucos e transformando as relações da comunidade que poucos são os que se lembram destas velharias — das carreiras do Cosme, das «charrettes» e do «coupé», da senhora D. Luisa Margaride quando ia fazer as suas visitas de cerimónia.

E então começaram a aparecer em Guimarães, para lá dos 50 anos, os motocíclo e automóveis, e é possível que, com esta carreira vertiginosa do Progresso, ainda vejamos em menos de dez anos os helicópteros, que os aviões não têm campo para pousar em algumas dezenas de quilómetros nas redondezas.

Juguieiros — Felgueiras, 16 de Janeiro de 1956. Continua

A. DE QUADROS FLORES.

## IRMANDADE DE S. TORCATO

A Mesa da Irmandade de S. Torcato agradece-nos, em amável cartão que recebemos, o termos anuído ao seu convite, assistindo à homenagem prestada ao seu ilustre Juiz, sr. Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha e as referências feitas nas colunas do «Notícias» acerca da mesma homenagem.

**J. MONTENEGRO**  
 INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO  
 Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510  
 GUIMARAES

**Francisco Joaquim de Freitas Pereira**  
 Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra  
 MÉDICO ESPECIALISTA  
 PARTOS — DOENÇAS DOS RECIEM-NASCIDOS  
 Médico Vacinador (B. C. G.)  
 ONDAS CURTAS  
 CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.º Consultas:  
 RESIDÊNCIA: Av. Cond. Margaride 2.º, 4.º e Sábado  
 TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas

## Carta A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Quem ouviu ou quem leu o discurso de Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Corporações, pronunciado no banquete de homenagem a Sua Ex.ª o Sr. Conselheiro Albino dos Reis, realizado na estância da Curia, no domingo passado, deverá ter notado que aquele ilustre membro do Governo fez oportunas e justificadas afirmações sobre o problema social, apontando a obra a realizar nesse sector da vida nacional. Sua Ex.ª referiu-se à necessidade do Estado intensificar a sua protecção aos humildes, tornando-a extensiva aos trabalhadores rurais, de forma a que a riqueza de uns não sirva de afronta à miséria de outros.

De facto, as considerações do Sr. Dr. Veiga de Macedo constituem o fruto de um pensamento que tem a notabilizá-lo a própria Alma da Nação e que se encontra integrado nos princípios fundamentais da solidariedade humana, o que, infelizmente, não existe em muitos dos que não consideram esse problema como um dos mais importantes do prestígio nacional.

A protecção aos que dela carecem para não viverem uma vida como farrapos humanos, mas sim como nossos semelhantes, a quem devemos auxiliar e acarinhar, será, sem dúvida, a mais consoladora projecção da dignidade dos Governantes.

Bem haja, pois, Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Corporações em procurar, com o fulgor da sua inteligência, com os sentimentos do seu coração e com os olhos da sua Alma, estabelecer doutrina que só poderá afectar o que sobra a uns para melhorar a situação económica dos que vivem nas trevas da sua desventura. Melhorar o nível de vida áqueles que até hoje têm sido sacrificados com a crueldade do seu destino será um acto tão justo e tão humano que dignificará, só por si, quem o praticar.

E' de crer que as intenções e os anseios de Sua Ex.ª o Sr. Ministro não agradem a alguns que apenas conseguem transformar a riqueza em escravidão da avareza e, portanto, considerar a melhoria do nível de vida uma injustiça humana. Porém, se alguns desprezam o bem comum para cuidarem somente de si, esses, os que assim procedem, deverão fazer um meticuloso exame de consciência perante o alcance social das seguintes perguntas, feitas pelo referido Sr. Ministro:

«Poderá negar-se ao Estado o direito e o dever de intervir para reparar a injustiça e para dar à riqueza a possibilidade de se realizar plenamente? Será demagogia acautelar os interesses dos humildes e lembrar aos bafejados pela fortuna as suas obrigações de ordem moral e social? Será escandaloso proclamar que o conceito de produtividade não é de natureza exclusivamente técnica, mas também e especialmente de ordem humana, e que a ciência económica não pode esquecer, até para que o trabalhador produza muito e bem, que ele tem de ser tratado como homem, portador de necessidades pessoais e familiares e detentor dos mais altos valores espirituais? Trabalhar, no respeito devido a todos os interesses lícitos, por uma mais equitativa repartição do acréscimo do rendimento nacional, constituirá, acaso, sinal de contradição com a doutrina corporativa e com os mais acatados e legítimos anseios dos tempos modernos? Poderá, afinal, haver paz nas sociedades e tranquilidade nas consciências, sem que a justiça encha, com a sua força salvadora, os angustiados espaços vazios do coração dos homens que não conhecem a caridade nem o temor de Deus?»

Creia, minha Senhora, que as referências que acabo de fazer acerca do assunto em causa me foram sugeridas pela voz da minha consciência, razão por que só desvirtuando-as — como alguém desvirtuou as — que fiz na última carta com respeito às *casacas de laranja* — poderão ser consideradas como menos dignas e menos independentes.

No entanto, seja como for, nunca regatearei os meus aplausos a quem, dedicada e fervorosamente, pugnar pela exaltação dos humildes, concedendo-lhes as regalias que devem ter como seres humanos, como, aliás, outros países o têm feito, quer quanto ao nível de vida, quer quanto a outros sectores da fraternidade cristã.

Sem mais considerações nem mais impertinências, subscrevo-me

De V. Ex.ª  
 cd.º ven.º e obg.º  
 X.  
 Janeiro de 1956.

## Um Problema Educativo

Continuação da 1.ª página

fora de si próprio, circular por toda a parte onde se fala.

De-se, pois, desde os bancos da escola elementar, verdadeira importância à redacção, levando a criança a cultivar, dentro das suas possibilidades, a nossa língua, acordando-lhe também, desde menino, a alma para a beleza dos grandes escritores, despertando-lhe o gosto, aguçando-lhe o apetite na leitura de trechos próprios, seleccionados, de bons autores.

Com a literatura radiofónica, com cursos adequados de leitura onde se faça a análise e a interpretação de alguns dos melhores trechos, em prosa ou verso, com o teatro, as discotecas, as gravações apropriadas se realizará, enfim, verdadeira e lídima obra de cultura e se fomentará o gosto da leitura.

A recente criação das bibliotecas rurais, anexas às escolas, é um dos mais sólidos instrumentos de formação moral e forte, benéfico estímulo para o gosto da boa leitura.

S. Torcato, 15-1-56.

J. MARTINS LIMA.

## Novas Automotoras

Começam enfim a circular, no dia 29, as novas Automotoras que já há meses a C. P. adquiriu. Esperávamos que a sua circulação nos traria um horário melhor, mas, afinal, ficou péssimo quanto à circulação — Guimarães-Porto, de manhã e Porto-Guimarães, da parte de tarde.

De manhã fica a existir uma única circulação, que parte desta cidade às 7,09, para chegar ao Porto às 8,59.

Não há necessidade de se fazer uma madrugada para as utilizar.

O que é de lamentar é o facto da C. P. ter estabelecido a circulação, há dois ou três anos, dum automotora que partia desta cidade às 8 horas para ligação rápida ao comboio-foguete e com óptimas ligações, e que fazia o trajecto mais rápido para o Porto, 1,20 e para Lisboa em 5,50, e agora, depois de muito utilizada pelo público, suprimiu-a.

Também o comboio das 12,55 é substituído por uma automotora que parte mais cedo ainda, 12,22, para chegar ao Porto às 13,50, quando o comércio daquela cidade se encontra ainda encerrado por só reabrir às 14,30 e 15 horas.

A circulação desta automotora, a partir desta cidade por volta das 15 horas e estabelecer outra circulação de regresso do Porto pelas 18,15, satisfaria imenso as conveniências de quem as utilizasse, pois permitia que se almoçasse e viesse jantar a horas convenientes.

Esta última circulação poderia, ao domingo, partir daquela cidade, especialmente durante o período da hora de verão, depois de terminarem os espectáculos no Porto, facilitando também o regresso de inúmeras pessoas que aos domingos se deslocam em digressão e até permitia a ligação com o comboio-foguete de Lisboa.

Não se justifica que tão perto vivemos do Porto e nem ao menos, uma vez por semana, tenhamos transporte para podermos prolongar a nossa estadia, até mais tarde, naquela cidade.

Com este meio de transporte económico, podia muito bem a C. P. estabelecer um bom serviço entre esta cidade e a do Porto.

Seria um bom horário se fosse igual ao estabelecido em sentido contrário — Porto-Guimarães, de manhã e regresso, Guimarães-Porto, de tarde.

Aqui fica o nosso reparo.

Use Gazcidla

# Vilça & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Abre amanhã ao público um novo estabelecimento — a CASA VILÇA, à Rua de Santo António, especializada em artigos para Homem, tais como: Lanifícios das melhores procedências, Gabardines alemãs, marca NILO e Camisas CONFIANÇA, seus Exclusivos.

A FIRMA VILÇA & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>, que procurará Bem Servir toda a sua estimada clientela, convida o público a visitar a sua Exposição, a partir de hoje, podendo afirmar-lhe que ali estarão patentes artigos de muita novidade e de reputada qualidade.

Agradece a visita que se dignem fazer às suas modernas instalações, as pessoas amigas, que grande gosto terá em receber.

A «Casa Vilça» honra a cidade pelas suas instalações e procurará bem servir o Público!

## BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Para os nossos pobres recebemos, do Sr. José Joaquim Gonçalves de Oliveira, da Foz do Douro . . . . . 20\$00

Contemplamos um tuberculoso e uma pessoa muito necessitada.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Disse há dias o P.<sup>o</sup> Américo ao microfone da Emissora Nacional: — «Sobre o Património dos Pobres apenas posso afirmar que já não há em Portugal terreno onde construir mais casas.»

Claro está que se não toma à letra tal afirmação; ela significa apenas que a Obra do conhecido Apóstolo da Caridade electrizou Portugal de lés-a-lés.

Em Guimarães tem sido a falta de terreno o grande obstáculo a vencer. Que isto sirva para justificar o estado de aparente letargia em que a Comissão tem vivido.

E começa o desfile do Cortejo, magnífico, impressionante, comovedor e riquíssimo Cortejo da Caridade Vimaranesse.

A abrir, uma carta:

Ex.<sup>mo</sup> Snr. P.<sup>o</sup> Luiz

Sou assinante do Gaiato do P.<sup>o</sup> Américo. Sou pobre, mas tenho dado algumas migalhas para esta Santa Obra, verdadeiramente Cristã. Li com alegria, que em Guimarães havia uma Comissão para o mesmo fim, com um padre (perdoi-me, quase da rua!).

Junto 50\$00 para uma telha e, pudera eu dar mais que dava. Como digo sou pobre, doente pulmonar e desempregado, vivendo de um pequeno negócio que tenho.

Um pobre para os pobres.

Não se altera sequer uma vírgula. Não se acrescenta qualquer comentário. Pequeno que fosse, ensonbrava a beleza que traduz. Não é a importância do donativo; são os sentimentos manifestados!

A firma José Faria Martins & C.<sup>a</sup> oferece uma casa. António Alberto Pimenta Machado, outra. Uma terceira de Antero Henriques da Silva. Os terrenos vão aparecendo. D. Maria José Gomes Marques, em S. Romão. D. Emília Saraiva Monteiro, em Urgeses. D. José Ferrão, em Creixomil. Outras casas e outros terrenos foram já oferecidos; mas a sua publicidade ficará para nova Nota. Que a todos Deus recompense. Para todos a gratidão dos Pobres.

18-10-956.

A COMISSÃO.

## Câmara Municipal

SESSÃO DE 19-1-56

Sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, a Câmara deliberou:

Concordar com o novo horário estabelecido para a carreira entre Braga (Estação) e Caldela, explorada por Domingos de Sousa Peixoto & C.<sup>a</sup> L.<sup>a</sup>, e informar favoravelmente sobre o horário indicado para a nova carreira de passageiros entre Castelões e Garfe, da qual é concessionário Amândio de Oliveira;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pela Sociedade Filarmonica Vimaranesse pela concessão do subsídio para o desenvolvimento musical no nosso concelho, e da informação de que foi criada por aquela Sociedade a «Escola José Guise», em homenagem à memória deste músico Vimaranesse;

— Mandar proceder à ligação da energia eléctrica à instalação da escola feminina da freguesia de Creixomil;

— Inscrever no próximo orçamento suplementar ao orçamento ordinário o subsídio de 2.000\$00, a conceder à Liga dos Combatentes da Grande Guerra;

— Proceder a obras de reparação, por administração directa, nas escolas das freguesias de Mesão-Frio e Caldela;

— Mandar proceder à execução da obra de electrificação do bairro d'Arcela, pela firma concessionária;

— Organizar o processo de verificação do estado de ruína do prédio com os n.ºs 23 e 27 de policia, sito na rua de S. Dámaso, conforme o requerido pelo sr. dr. Isaías Vieira de Castro;

— Notificar o proprietário da bscula existente no Largo da República do Brasil a removê-la da quele local no prazo de oito dias a contar da notificação, findo o qual esta Câmara mandará fazer aquela remoção;

— Conceder diversas licenças para obras;

— Adjudicar a obra de construção de um muro de suporte no talhão n.º 30 da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, desta cidade, a Casimiro Ribeiro.

### Rectificação

No nosso último n.º e no extrato da sessão da Câmara de 31 de Dezembro saiu a frase: «Não é, por isso, de entrada, que se fez bom trabalho» em vez de: «Não é, por isso, de entrada, que se fez bom trabalho».

Pedindo desculpa ao sr. dr. Júlio Soares Leite, nosso distinto Colaborador e autor da proposta, aqui deixamos a devida rectificação.

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Professor José de Pina — Faz anos no dia 29 do corrente este nosso querido amigo e prestimoso vimaranesse, figura veneranda, a quem muito respeitamos e estimamos.

José de Pina, que tem levado uma vida inteira a pugnar pelo engrandecimento da sua e nossa Terra, tornou-se, de há muito, um exemplo vivo de dedicação, muito lhe devendo a Cidade, que sempre tem encontrado no ilustre professor um elemento prestigioso de trabalho e símbolo de abnegação.

E' longa e brilhante a sua folha de serviços prestados a Guimarães. Professor e Artista distinto, ele tem sido nas Corporações Culturais, Religiosas e Civis e na benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários, Alguém, cuja obra através de muitos anos de cansaloso trabalho se pode bem classificar de notável.

Ao Mestre e ao amigo queremos prestar esta singela homenagem e ao cumprimentá-lo fazemos votos pela continuação da sua preciosa existência.

### Fazem anos:

No dia 23, os nossos prezados amigos srs. João de Almeida Ribeiro, concelhuado industrial, Manuel Coelho, residente em Torres Novas, e Joaquim Martins; no dia 24, mademoiselle Maria Amélia Cayres Pinto de Madureira, filha do nosso prezado amigo sr. António Cayres Pinto de Madureira, e a sr.<sup>a</sup> D. Ema Leão Cruz Fernandes Rocha dos Santos, e o nosso amigo sr. Domingos José Pinheiro; no dia 25, mademoiselle Maria Emília de Azevedo Fernandes, filha do nosso prezado amigo sr. Adriano Moreira Fernandes e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Albina Azevedo Fernandes, e os nossos prezados amigos srs. José Rodrigues de Almeida e P.<sup>o</sup> António Salvador Ramos; no dia 26, os nossos prezados amigos srs. Manuel Dias de Castro e Belmiro Mendes de Oliveira e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emília Mota Prego de Faria, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Alberto Ribeiro de

Faria; no dia 27, os nossos prezados amigos srs. dr. José Pinto Rodrigues, talentoso advogado, e José Jacinto Júnior, importante industrial; no dia 28, as sr.<sup>as</sup> D. Teresa Luísa de Freitas Marques Pinto de Madureira, esposa do nosso bom amigo sr. António Cayres Pinto de Madureira, e D. Adelinda Rosa de Lima Neves, esposa do nosso bom amigo sr. João de Sousa Neves, e a menina Maria Teresa, filha do nosso amigo sr. dr. Mário Dias de Castro, e o sr. Mário Bernardo de Magalhães e Sousa; no dia 29, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emília Pinto Teixeira Machado Sampaio da Silva, de Cerzedelo, e mademoiselle Olga Pizarro de Almeida, filha da sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Angélica Pizarro de Almeida, e os srs. Fernando Alves da Costa, António Luís de Araújo Dantas e D. Pedro de Abreu Calheiros de Noronha Lobo Machado Pereira Coutinho de Melo e Sampaio (Paço Vitorino).

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Completa no dia 28 quatro anos de existência, o menino Rui Alberto, filhinho do nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Guimarães Coimbra Pimenta Machado.

Muitos parabéns.

Faz depois de amanhã anos o menino José Manuel Lopes Pereira Marinho, filho do nosso bom amigo sr. José Pereira Marinho e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Lopes Marinho. Parabéns.

## CASAMENTO

No Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se ontem, a sr.<sup>a</sup> D. Modesta Augusta Ribeiro de Castro, distinta professora oficial, filha da sr.<sup>a</sup> D. Luísa Ribeiro de Castro, já falecida, e do sr. António Ribeiro de Castro, e do sr. João da Silva Costa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz da Silva Costa e do sr. António da Costa, proprietário em S. Torcato, tendo presidido ao acto o rev. P.<sup>o</sup> José Carlos Simões de Almeida, ilustre Director do Internato Municipal, que abençoou os nubentes e lhes dirigiu uma paternal alocação. Assistiram também os rev. P.<sup>o</sup> José Fernandes Ribeiro e P.<sup>o</sup> Guilherme Gonçalves Arieira, párcos dos noivos.

Foram padrinhos da noiva, seus tios, o sr. Augusto Ribeiro de Araújo e esposa a sr.<sup>a</sup> D. Modesta Ribeiro de Araújo, e do noivo, o sr. João André e esposa a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes André, e assistiram à cerimónia muitas pessoas das relações das famílias dos noivos.

Conduziu as alianças o menino António José, sobrinho da noiva.

Seguidamente e em casa dos tios e padrinhos da noiva, foi servido a todos os convidados, um primoroso lanche, que deu motivo a que se tivessem trocado alguns brindes pela felicidade dos noivos, aos quais também desejamos as maiores venturas.

### Partidas e chegadas

Bispo da Guarda — Após umas semanas passadas nesta cidade, onde esteve de visita a sua família, regressou à sua Diocese da Guarda, o Rev.<sup>mo</sup> Prelado sr. D. Domingos da Silva Gonçalves.

Esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Joaquim Alberto César, residente em Lisboa.

— Partiram para Angola, em viagem comercial, os nossos prezados amigos srs. Domingos António Leite de Freitas Fernandes e José Maria Pacheco Rodrigues.

— Regressou de Lisboa, onde esteve a tratar de assuntos da sua profissão, o nosso prezado amigo e distinto advogado sr. dr. José Pinto Rodrigues.

— Com suas esposas regressaram a Vizeu, Faro, Beja e Pombal, respectivamente, os srs. Ezequiel de Sousa, António José Ferreira, António Luís Teixeira e Abílio Meireles Martins.

— Também regressou a Lisboa, depois de ter passado umas semanas nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. João Izidoro Bouça.

— Esteve nesta cidade, dando-nos o grato prazer de sua visita, o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

— Tem estado em Lisboa a sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Maria Emília dos Santos e Silva Amaral Teixeira, ilustre directora do Museu Regional Alberto Sampaio, desta cidade.

— Esteve entre nós o nosso bom amigo sr. Constantino Lira, de Felgueiras.

— De visita a pessoas de sua família, esteve nesta cidade a sr.<sup>a</sup> D. Laura de Jesus Soares Leite, da Casa de Aradela, de S. Nicolau de Basto.

— Regressou à sua casa de Matosinhos a nossa ilustre Colaboradora sr.<sup>a</sup> D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— Fixou residência em Caminha e não em Coimbra, como por erro tipográfico aqui se noticiou, o ilustrado sacerdote rev. P.<sup>o</sup> Francisco Fernandes da Silva.

— Com sua esposa encontra-se em Lisboa o nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

— Tem estado em Lisboa, a tratar da sua saúde, o nosso prezado amigo sr. Manuel C. Martins.

— Cumprimentámos nesta cidade, há dias, o nosso prezado amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, residente em Braga.

### Doentes

Continua doente o nosso prezado amigo e distinto escritor sr. Alfredo Guimarães.

— Tem passado doentes as sr.<sup>as</sup> D. Maria Antilde Ferreira da Cunha Martins Fernandes, D. Aurora de Freitas Saraiva e D. Maria Emília de Freitas Saraiva.

— Continua a melhorar dos seus padecimentos o nosso bom amigo sr. Tenente Pedro Machado.

— Tem passado bastante doente, encontrando-se internada numa Casa de Saúde do Porto, onde foi operada, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Elvira Caldas Penafort, esposa do nosso prezado amigo sr. Camilo de Cintra Penafort.

— Tem passado doentes os nossos prezados amigos srs. António Ribeiro Ferreira Caldas, estimado industrial em Sande, e António Cardoso de Menezes, da Casa da Veiga.

— Continua doente, embora já bastante melhor dos seus incómodos, o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.

— Na sua residência, em Cerzedelo, tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

## Falec. e Sufrágios

### Missa do 1.º Aniversário

Passando depois de amanhã, terça-feira, o 1.º aniversário do falecimento do conceituado indus-



trial sr. António Alves Pinto, sua família manda rezar uma missa por sua alma, em comemoração do triste acontecimento, a qual será celebrada no templo da Misericórdia, às 8,30 horas.

Convida as pessoas amigas a darem a honra da sua assistência ao piedoso acto e muito agradece antecipadamente.

### Irmã Maria de S. Marcelino

Confortada com todos os sacramentos S. M. Igreja, finou-se, no dia 18, no Asilo de Inválidos de S. Paio, a cargo da Misericórdia, de que era Superiora há bastantes anos, a senhora D. Genoveva dos Santos Lacarte, em religião Irmã Maria de S. Marcelino, natural da freguesia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto.

O funeral da bondosa senhora efectuou-se no dia 19, para jazigo privativo das Irmãs Hospitalaíras, no cemitério de Atouguia, depois dos officios fúnebres celebrados por sua alma no templo da Misericórdia, com a assistência de vários sacerdotes, Mesa da Misericórdia, Irmãs religiosas e muitos fiéis. Paz à sua alma.

## SAINT-GOBAIN

Entre os seus vários SILICONES apresenta o

### DECETEX 104

um produto moderno da técnica moderna para o acabamento de todos os tecidos da Indústria Têxtil.

Peça informações aos distribuidores exclusivos em Portugal:

**SANTOS, MOUTA, LIMITADA**  
R. do Instituto Industrial, 18-3.º P. do Município, 267-5.º  
LISBOA PORTO

## RECAUCHUTAGEM E RECHAPAGEM

# LUSA

25 ANOS AO SERVIÇO DO AUTOMÓVEL

AGENTE EM GUIMARÃES

### JOÃO SILVA MENDES

L. DOS NAVARROS DE ANDRADE, 12-A  
TEL. 40444 PPC

## Vida Católica

### Festividade ao Mártir S. Sebastião

No templo de S. Dámaso, que se via luxuosamente decorado pela conceituada Casa Eugénio & Novais, realizou-se anteontem, e com muita solenidade, a tradicional festa em honra de S. Sebastião, cuja formosa e milagrosa imagem ali se venera.

Houve, de manhã, missa rezada, seguida de distribuição de 200 boroas de pão aos pobres, em cumprimento de um legado e, às 11 horas, Missa Solene.

A tarde, pelas 18 horas e após a exposição do SS.<sup>mo</sup> Sacramento no Trono, subiu ao púlpito, para fazer o panegírico do Santo, o rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, Prior da freguesia de S. Sebastião, desta cidade e talentoso orador sacro que, como sempre, pronunciou uma brilhante peça oratória, tendo a escutá-lo um numeroso e selecto auditório.

A festividade concluiu com o Te-Deum e a bênção do SS.<sup>mo</sup> e foi abrilhantada pelo Grupo Sacro de Santa Cecília.

Merece louvores a Mesa da Irmandade, dignamente presidida pelo sr. José Fernandes.

### Festa a S. Sebastião dos Milagres

No próximo dia 29 realiza-se, no templo paroquial de S. Sebastião (Dominicas), a festividade a S. Sebastião dos Milagres, com o seguinte programa:

A's 8 horas, Missa rezada e comunhão geral; às 10,30 horas, Missa solene a grande instrumental, a cargo do Grupo de Santa Cecília; às 18 horas, Sermão pelo Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Gabriel de Sousa (Abade de Singeverga), Te-Deum e bênção do SS.<sup>mo</sup> Sacramento.

São Juizes da Festa a sr.<sup>a</sup> D. Ana Mendes Fernandes Pimenta Machado e o sr. Arnaldo de Sousa Guise.

## Diversas Notícias

### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato, e Tel. 4250.

### Princípio de incêndio numa fábrica

Na 2.<sup>a</sup>-feira à tarde houve um princípio de incêndio na Secção de Tecelagem da Fábrica de F. e Tecidos do conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues, em Santo Amaro (S. Vicente de Mascoteles), tendo ali comparecido os bombeiros com vário material, prestando óptimos serviços. O sinistro foi localizado em breve, sendo pequenos os prejuizos, os quais estão cobertos pelo seguro.

Notícias de Guimarães n.º 1265 -- 22-1-1956

## COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

# ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pela Primeira Secção do Primeiro Juízo da Comarca de Guimarães, nos autos de Execução Hipotecária que Genoveva Martins Machado, viúva, doméstica, desta cidade, move contra Benjamim Ribeiro Torres e mulher Maria Luísa Neto, proprietários, do lugar do Bom Viver, freguesia de Santa Eulália de Barrosas, comarca de Felgueiras, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda

e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 20 de Janeiro de 1956.

O Chefe da Secção,  
**Alberto Fernandes Carreira.**  
Verifiquei.

O Juiz de Direito,  
**Carlos Maria Afonso de Castro.**

## Teatro Jordão

CINEMA SCOPE

APRESENTA  
NOTA, N'S 15 E N'S 21,30 HORAS  
A MANHÃ, SEGUNDA-FEIRA, 20, N'S 21,30 HORAS

A FONTE  
DOS AMORES  
Clifton Webb Jean Peters  
Louis Jourdan Dorothy Mc Guire  
Rossano Brazzi Maggie Mc Namara  
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 24 -- N'S 21,30 HORAS  
O CIRCO INFERNAL  
Humphrey Bogart - Jane Allynson  
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 26 -- N'S 21,30 HORAS  
DIABRURAS DE JANE  
Doris Day - Howard Keel  
Um filme buliçoso e provocante.  
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 28 -- N'S 21,30 HORAS  
A ESPADA SARRACENA  
Betta St. Jone-Ricardo Montalban  
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

## Use Gazcidla

## D. Maria Dias Correia

(Viúva de Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães)

## AGRADECIMENTO

Seus filhos, genros e noras vêm muito gratos testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que assistiram ao funeral da saudosa extinta, ou por qualquer forma manifestaram o seu pesar em tão doloroso transe.

Moreira de Cónegos, 19 de Janeiro de 1956.

Belmiro Ferreira de Oliveira  
Maria da Glória Ferreira de Abreu  
Rosa Dias Correia  
Elisa Dias Correia  
António Ferreira Pereira  
Maria da Conceição Dias Correia  
Luís da Silva Mendes  
Brás Ferreira de Oliveira Guimarães  
Gracinda Alves Guimarães  
Manuel Ferreira de Oliveira Guimarães  
Joana F. Guimarães  
Adelino Ferreira de Oliveira Guimarães  
Dulce de Sousa Guimarães  
David Ferreira de Oliveira Guimarães  
Beatriz Mendonça Guimarães  
António Ferreira de Oliveira  
Lídia F. de Oliveira  
Alvaro Ferreira de Oliveira  
Jandira Dias de Oliveira  
Margarida Ribeiro Machado.

# DESPORTO

## PONTOS DE VISTA

sobre a próxima

### Assembleia Geral do Vitória

Mais uma Assembleia Geral do Vitória para a eleição dos Corpos Gerentes. Mais um ano passado, algumas horas de convívio associativo e, consequentemente, mais projectos e esperanças. De novo, uma análise à vida do Clube, ligeiras observações de alguns, e, por fim, o acto eleitoral.

Este ano, segundo nos parece, tudo é fácil de resolver, tão simples se torna compreender o que mais convém para o futuro em face da situação presente.

A equipa principal vem subindo a sua «escada de Jacob», em passadas lentas mas firmes, sintoma nítido de equilíbrio geral e plena forma física e técnica. Tudo faz prever que o ritmo progressivo continue e é justíssimo salientar que tal aperfeiçoamento é, sem dúvida, resultante dum trabalho aturado, metódico e inteligente, dos homens que dirigem os vários sectores ligados à modalidade do futebol.

Por sua vez, a massa associativa voltou a ter fé nos destinos da colectividade e estamos cientes que, do último ao primeiro vitoriano, não há um só que deseje qualquer alteração ao que está feito.

Bem sabemos que dirigir um Clube como o Vitória é tarefa difícil, dispendiosa e quase sempre incompreendida. Mas, apesar disso, também sabemos o quanto é aliciante e até compensador, sob o aspecto moral, contribuir para alcançar um fim que tantos e tantos desejam; incutir fé e esperança naqueles que um dia chegaram a descreer; ter a certeza que confiam na nos-a acção, na nossa capacidade de trabalho e na nossa inteligência. Saber, enfim, que milhares de associados só desejam continuar no posto de comando que, em boa hora, um ano atrás, lhes confiaram.

E' este o nosso ponto de vista, porque, estamos convencidos, qualquer alteração no elenco directivo, neste momento, só poderia trazer, ao Clube, inúmeros inconvenientes, cujas consequências ninguém poderá prever. Qualquer nova direcção poderia, embora na melhor das intenções, involuntariamente, provocar uma desorientação, que, indubitavelmente, se iria reflectir na boa marcha dos assuntos desportivos. Há planos em franca realização que só aqueles que os conceberam, poderão conduzi-los ao final conveniente. Há inúmeros problemas pendentes que, a não terem o seguimento de harmonia com os projectos pré-estabelecidos, correriam o risco de ficarem insolúveis, e há, acima de tudo, a forte razão do interesse da colectividade e da vontade da massa associativa que, tão generosamente, tem correspondido material e moralmente aos apelos que a Direcção lhes tem dirigido.

Não pode, nem deve, portanto, para bem do Vitória e do desporto local, a próxima Assembleia Geral ser um acto que motive alterações na presente formação dos Corpos Gerentes do Clube. Antes, ao invés, deverá consolidar, ainda mais, a posição da actual Direcção, através dum voto de confiança de todos os vitorianos.

Sabemos, de sobejo e já o dissemos, quanto é árdua a luta directiva, quantas canserias são necessárias, qual o esforço dispendido apenas por um ideal! Mas sabemos, também, porque conhecemos o carácter dos homens que presidem aos destinos do Vitória, que a consciência do dever cumprido e o voto de confiança dos desportistas vimearanenses é, para eles, a melhor recompensa.

JOSÉ ABÍLIO.

## A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

Vitória, 7 — Chaves, 0

RESULTADO AMPLO NUM AMBIENTE DE TRANQUILIDADE

O futebol é assim mesmo. Uma equipa, constituída por valores da mais diversa ordem, enquanto não alcança aqueles resultados que aosseguem, não exprime, totalmente, o seu verdadeiro valor. Grupos da categoria da equipa de Chaves têm vindo à Amadora e o decorrer do jogo tem sido sempre vivido em sobressalto, mas agora, criada a confiança mútua entre adeptos e jogadores, o Vitória já desenvolve o seu jogo doutro modo e concretiza a sua superioridade muito mais naturalmente.

Custou a atingir-se esta circunstância, mas hoje, que ela existe, tudo se apresenta fácil e quase certo... E' conveniente não exagerar neste estado de espírito, pois muitas vezes resultam dele surpresas que deixam todos admirados. O Vitória é presentemente uma equipa em forma. O seu jogo evolui no terreno precisamente certo, mas como é jogo é necessário ter-se sempre ciente que a sorte pode, dum momento para outro, mudar o rumo das coisas.

Não quer isto dizer que a confiança, que presentemente existe na equipa, é exagerada. A sua capacidade é tão evidente, que já não somos nós, mas sim os estranhos, que nos consideram a melhor que disputa o torneio. Os capitães do Boavista, do Salgueiros e do Leixões, assim o têm dito; os Dirigentes dos mesmos Clubes e de mais alguns também o têm afirmado e, finalmente, os próprios técnicos que orientam os nossos adversários não se cansam de dizer que é ao Vitória que está marcado o destino de subir automaticamente àquela Divisão, donde saiu a época passada por motivos de mais conhecidos.

Vamos a ver se assim será. Para isso se continuam a conjugar os esforços dos Dirigentes, do Técnico, dos atletas e, sobretudo, da massa associativa, que é sempre valor fundamental para o alcance dos bons triunfos.

Própriamente do jogo contra o Chaves, pouco haverá para contar. O adversário não criou dificuldades aos vimearanenses. A sua superioridade foi sempre manifesta e o resultado final apareceu naturalmente, como consequência lógica dum maior poder técnico. Ernesto e Benje distribuíram entre si os golos marcados e mais alguns existiriam, se não houvesse a tendência na equipa de possibilitar ao

valoroso brasileiro a subida na lista dos marcadores da «zona Norte». Se isto, momentaneamente, foi devido da equipa, demonstra, por outro lado, espírito de camaradagem, que é sempre de enaltecer.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Artur; Bartolo, Lutero, Ernesto, Rosato e Benje. Chaves: Dji Djé, João e Zeferino; Matias, Gualter e Lino; Barrico, Collar, Adão, Lara e Albano. Arbitrou, Francisco Guerra, do Porto.

O Vitória marcou quatro pontos na primeira parte, dois por Ernesto e dois por Benje e mais três no segundo tempo, também dois por Ernesto e um por Benje.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 7-Chaves, 0; A. Vizeu, 1-Sanjoanense, 2; Peniche, 0-Leixões, 0; Boavista, 5-Espinho, 0; Gil Vicente, 3-Vianense, 0; Salgueiros, 2-Leões, 1, e U. de Coimbra, 2-Tirsense, 1.

Hoje disputam-se os seguintes encontros: Leões-Vitória; Leixões-Espinho; Chaves-Peniche; Vianense-Salgueiros; Tirsense-Gil Vicente; Sanjoanense-U. Coimbra, e A. de Vizeu-Boavista.

O Vitória tem em Santarém um encontro difícil. A sua maior capacidade é motivo para se esperar um bom resultado, mas é também conveniente compenetrarmos de que o seu adversário é altamente valioso e, portanto, capaz de, no seu terreno, criar grandes dificuldades.

Este jogo, que desenvolvemos, não quer dizer que não esperemos mais uma demonstração da boa capacidade do Vitória no momento presente, mas expressámo-lo também para que todos nos compenetrarmos das dificuldades que o encontro acarreta.

O melhor resultado é o nosso desejo.

L. R.

## A Posse do Conselho Geral do Vitória

Conforme noticiámos, realizou-se, na passada segunda-feira, a posse deste Órgão Consultivo do Vitória. Este acto teve uma assistência numerosa e presidiu ao mesmo o sr. dr. Miguel Antas de Bar-

ros, Presidente da Assembleia Geral do Clube, que se fez secretariar pelos srs. Angelo Madureira e Amadeu Guimarães, secretários da respectiva Assembleia.

Depois de ser proclamada a Posse dos ilustres Membros do Conselho, que é constituído por pessoas da maior representação e com provas dadas de dedicação clubista, falou o Presidente da Direcção do Vitória, sr. dr. Mota Prego de Faria, que analisou circunstanciadamente a situação do Clube, pondo em realce a sua posição actual no futebol português e a capacidade demonstrada pela equipa de honra do Clube, não deixando também de enumerar as dificuldades com que têm lutado aqueles que estão à frente dos destinos do Clube.

Falaram depois os srs. José Abílio Gouveia, Eng.º Alberto Costa, Amadeu da Costa Carvalho, Presidente Honorário do Vitória, e dr. José Pinto Rodrigues, enaltecendo todos a obra realizada pela Direcção, num esforço de revalorização do Clube, que muito os honra e prestigia Guimarães. O sr. dr. José Pinto Rodrigues, no uso da palavra, leu a seguinte moção que foi aclamada por todos os presentes: «Ao tomar posse, o Conselho Geral do Vitória, manifesta o seu caloroso aplauso à Direcção da colectividade, pelo modo inteligente, cuidadoso e esforçado com que tem desempenhado a sua missão na época decorrente, especialmente difícil por visar, sobretudo, a recondução do seu primeiro grupo representativo ao lugar que durante quatorze anos ocupou no futebol nacional, dignificando e elevando o nome de Guimarães; dirige entusiástica saudação ao orientador técnico, sr. Fernando Vaz, pelo apuro e competência exuberantemente demonstrada, e aos atletas participantes no Campeonato Nacional da II Divisão, pelo seu comportamento, o qual, por inteiramente satisfatório, é merecedor dos maiores louvores; declara que, por seu lado, fará quanto puder no sentido de coadjuvar útilmente na efectivação do que constitui a maior esperança, não só dos adeptos do Clube mas de todos os vimearanenses».

A sessão de Posse terminou por entre entusiásticos vivas à colectividade, tendo ficado marcada uma reunião do Órgão empossado para amanhã, segunda-feira, 23 do corrente, pelas 21,30 horas, na sede do Clube.

### Nota da Redacção:

Por falta de espaço deixamos de publicar hoje a nota sobre o Campeonato de Juniores, o que faremos no próximo número. As nossas desculpas.

## Use Gazcidla

### SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocções a outras terras para os tratar!  
Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Notícias de Guimarães n.º 1255 - 22-1-1956

## COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Faz-se público que pelo 1.º Juiz de Direito da comarca de Guimarães e 2.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução hipotecária ordinária que JOSE FRANCISCO RIBEIRO, casado, proprietário, do Largo Valentim Moreira de Sá, desta cidade, move contra ANTONIO DA SILVA e mulher MARIA DE JESUS, proprietários, do lugar de Matos, freguesia da Costa, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 4 de Janeiro de 1956.

O chefe da 2.ª secção,  
Maurício da Ponte Machado.  
Verifiquei.

O Juiz de Direito  
do 1.º Juízo, 45  
Carlos Maria Afonso  
de Castro.

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARAES

## De Covas

### Não está certo!

Todos os anos a Caixa Sindical distribui impressos pelos beneficiários que recebem Abono de Família, a fim de serem preenchidos ou assinados pelas Juntas de Freguesia. Mas, o que gostávamos de conhecer é o decreto (não existe) que permite às Juntas cobrarem quantias diferentes por preencher esses impressos. Um exemplo: nas de Nespereira e Polvoreira, 2\$50; na Oliveira do Castelo, 4\$00; e por fim, em Pencilo, 20\$00; etc.

Como se explica isto? A propósito informamos que um beneficiário da freguesia de Pencilo se recusou a pagar os 20\$00 por assinar um papel — e com razão — pois só tinha a pagar 2\$50, e resolveu vir residir para a freguesia de Fermentões... e não pagar!

...E' que agora os analfabetos já são poucos...

### Uma pergunta

Por que será que na igreja de Urgeses os paroquianos não se podem casar aos Domingos e Dias-Santos?

### O 1.º de Abril e a C. P.

Cuidado! O 1.º de Abril anda fora dos «eixos» ou... a C. P. Quem vê o que se passa quanto às novas automotoras da C. P. que, conforme temos noticiado, se encontram paradas na Boavista, desde o S. João, dirá, como nós: — é demais!... Pensa a C. P. que estamos no 1.º de Abril...

Logo que chegaram esperava-se que entrassem em circulação, depois dizia-se que vinham em Novembro, em Dezembro, em 1 de Janeiro e, por fim, que vinham ao Santo Amaro... e até ver nada...

O que podemos informar é que ainda se não sabe ao certo quando começam a circular. Entretanto, a C. P. continua com as automotoras «miniatura», onde a 1.ª classe é obrigatória na falta de 3.ª, até para os estudantes que têm assinatura de 3.ª e que não querendo pagar a diferença de classe, ficam em terra... a olhar a assinatura! Apesar de não haver regulamento que autorize a 1.ª classe obrigatória, o resto... é como no 1.º de Abril.

### Romaria de Santo Amaro

Realiza-se hoje, 22, uma das mais importantes e típicas romarias do concelho — a tradicional Romaria de Santo Amaro, que ali atrai milhares de pessoas. Haverá procissão, missa cantada, sermão e arraial, com divertimentos, jogando-se já o Carnaval.

### Passatempo

O leitor conhece mais alguma freguesia onde os paroquianos não se podem casar aos domingos e dias santos?

### Novo horário na linha de Guimarães

No próximo domingo, 29, entra em vigor o seguinte horário na linha de Guimarães:

Chegadas a Guimarães: 7,34 — 8,30 (a) — 8,40 — 9,31 — 9,40 (b) — 11,24 (c) — 13,01 — 15,12 — 17,50 e 20,35.

Partidas de Guimarães: 7,09 — 7,48 (a) — 10,01 — 12,22 — 13,22 — 15,04 — 16,34 — 17,50 (c) — 18,40 (d) 19,29 e 20,50 (e).

(a) Entre Guimarães e Vizela, não se efectua aos domingos. (b) Combóio de mercadorias. (c) Combóio correio. (d) Combóio de mercadorias, não se efectua aos domingos. (e) Só aos domingos.

Nesta linha só ficam em circulação dois combóios: o de mercadorias e o correio. O resto são automotoras, onde a lotação é limitada.

Com este novo horário fica resolvido o problema dos transportes para os estudantes, conforme largamente aqui nos ocupámos.

Só beneficiamos com mais uma automotora e diz-se que as novas entram em cena nesse dia. A ver vamos...

E' de crer que a C. P. dê uma revisão ao novo horário. Assim lembramos que são necessárias automotoras depois das 21 horas; mais meio de transporte ao sábado, dia de feira, e uma a chegar a Guimarães diariamente por volta das 19 horas. Aproveitemos o ensejo para lembrar à C. P. que a 1.ª classe não deve ser obrigatória na falta da 3.ª e que se diminua aos preços entre Covas e a cidade, conforme aqui várias vezes temos focado. — C.

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.ª. 19

## Use Gazcidla

## OFERTAS e PROCURAS

### Fábrica de Tecidos

Vende-se com 50 teares mecânicos e seus acessórios, assim como o prédio onde a mesma está instalada. Para informações, telefone número 4359. 27

### Vende-se

a Quinta do Passal, situada no lugar da Igreja, da freguesia de Gominhões.

As proprietárias Maria Rosa Gomes Ribeiro e Rosa Gomes Ribeiro, residentes na freguesia de Joane — Famalicao, aceitam ofertas. 30

### VENDEM-SE

2 talhões de terreno, óptimo para construções, entre Taipas e Guimarães, à face da estrada, com luz eléctrica.

Tratar na IMPERIAL — Rua de Santo António, 32/34. Telef. 40157 — Guimarães. 47

### Mestre Fiandeiro

Precisa-se de mestre de fição habilitado, e que dê boas referências, para a região de Guimarães, ou arredores. Guarda-se sigilo estando empregado e escusado será aparecer quem não estiver em condições de tomar conta do cargo.

Carta à administração deste jornal, ao n.º 0001. 62

### Guarda-Liços

Com longa prática, aceita escritas no concelho e fora. Carta às iniciais A. C. 60

### Dinheiro

Empresta-se por hipoteca de 60 a 300 contos. Rua Dr. Avelino Germano, 98. 61

### COBRADOR

Oferece-se para qualquer cobrança, na cidade, ou numa área de 5 quilómetros, dando fiador. Informa esta redacção.

## Use Gazcidla

### Assinal o Notícias de Guimarães

## LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523 8

## TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

AGENTES DA

## SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

TELEF. 4547

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA 10

## Jerónimo Assunção Ferreira

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE QUALQUER GÉNERO

VENDA DE MATERIAL

ORÇAMENTOS GRÁTIS

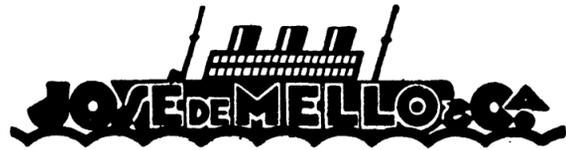
RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor) GUIMARAES 4

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias.

por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio



SUCESSORA

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO

Telefones: 21075 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS

Telef. Mat. 647 6